



O MANIFESTO DO DECRESCIMENTO THE DEGROWTH MANIFESTO

RESENHA: SAITO, Kohei. *Slow down: The degrowth manifesto*. New York: Astra House, 2024. 369 p.

Emilio Ben Barreto Freire¹

No final do ano de 2024 chegou ao Brasil a obra de Kohei Saito intitulada "**O capital no Antropoceno**" (Saito, 2024a). Kohei Saito, além de ser um dos estudiosos do Marx Engels Gesamtausgabe (MEGA) – a maior coleção das obras de Marx e Engels –, é reconhecido pela publicação da obra *O ecossocialismo em Karl Marx: Capitalismo, Natureza e a Crítica Inacabada à Economia Política* (Saito, 2021). Em sua nova obra, originalmente publicada no Japão no ano de 2020, o filósofo japonês tem como objetivo realizar uma fusão entre o decrescimento e a teoria marxista para atualizar a visão do mundo que o mesmo chama de pós-capitalista.²

Quanto ao caminho metodológico para a elaboração da presente resenha, salientamos que no momento de elaboração e submissão da presente resenha ainda não havia sido publicada a edição do livro em português previsto para novembro de 2024. Desta maneira a resenha foi feita com base na leitura atenta e estudo da versão do livro traduzido para o inglês publicado em janeiro de 2024. Por esse mesmo motivo, as citações diretas foram todas traduzidas do inglês ao português pelo autor da presente resenha. Somou-se a esse esforço a consulta de outras fontes que contribuíram para qualificar a presente resenha com elementos que dialogam com a obra em questão.

¹ Doutorando em Serviço Social no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSS/UFSC). ORCID: 0009-0000-6729-8460. E-mail: emiliobfreire@gmail.com

² No intento de explicar o termo não usual de "mundo pós-capitalista", nos mantemos na definição de Saito (2024b, p. 13) como "um [mundo] perfeitamente adaptado ao antropoceno".

Artigo submetido em: 25 de outubro de 2024.

Artigo aceito em: 29 de março de 2025.

p. 413-418, DOI: <https://doi.org/10.46551/rssp202520>

Apesar da rejeição da proposta do antropoceno ser reconhecida enquanto uma unidade formal de tempo em escala geológica (Amos, 2024), as reflexões de Saito (2024b) sobre a relação entre natureza e a humanidade podem contribuir para a realidade brasileira e o serviço social. A nível nacional, em 2024 tivemos diversos eventos trágicos em relação ao meio-ambiente como as enchentes do Rio Grande do Sul no primeiro semestre e as queimadas na Amazônia cuja fumaça cobriu uma vasta região do país no segundo semestre do mesmo ano, só para citar dois. Esses ocorridos têm grandes impactos sobre a produção e reprodução da vida dos sujeitos que habitam esses territórios, conduzindo a novos desafios para a sociedade de modo geral e o serviço social em particular.

Saito (2024b) inicia seu livro denunciando uma (falsa) ideia de possibilidade de resolução desses problemas por meio de ações individuais isoladas, até mesmo afirmando que a ecologia é o ópio do povo de nossos tempos. Em seu livro defende que há uma contradição inerente na relação entre o crescimento econômico e a viabilidade ecológica do modo de produção capitalista (Saito, 2024b, p. 10). Diante de tal afirmação, passa os três primeiros capítulos de oito no total do conjunto do livro apresentando uma grande gama de autores para escancarar essa contradição.

No primeiro capítulo com objetivo de entender as origens da crise a partir da relação entre globalização do capitalismo e destruição ambiental, o autor se apodera do termo cunhado por Ulrich Brand e Markus Wissen (2021): o modo imperialista de viver. Nesse sentido, afirma que o modo de vida ostentando nos países do norte global só é possível por meio da externalização das contradições para o sul global criando uma relação de centro-periferia, apoiado na leitura das obras de Immanuel Wallerstein. É ainda nesse capítulo que Saito traz uma das afirmações que considera fundamental do livro, “[c]apitalismo usa humanos como ferramentas para acúmulo de capital, mas pode lucrar do mundo natural simplesmente saqueando seus recursos diretamente” (Saito, 2024b, p. 23).

Ao nosso ver, embora haja veracidade na afirmação da relação de uma exploração da humanidade e da natureza posto pelo autor, há a criação de um falso binômio humano-natureza que decorre de sua afirmação tido como fundamental. Nossa contraposição parte de uma compreensão de que o saqueio dos recursos naturais só é

possível por meio do trabalho humano, ainda que só haja trabalho humano à medida que ainda há uma atmosfera habitável para permitir esses saques. Todavia, ainda que consideramos impreciso a afirmação do autor criando uma separação formal entre humano e natureza, a finalidade da afirmação é a alerta sobre o vínculo do colapso ambiental com o modo de produção capitalista, com o qual corroboramos.

Na sequência da obra, no segundo capítulo, o filósofo traz os limites do keynesianismo verde demonstrando como os diversos acordos sobre o clima têm falhado em realmente cumprir com aquilo que prometeram, bem como o negacionismo da necessidade de abordar a crise ambiental pautada num otimismo tecnológico. Seguindo o mesmo raciocínio, no capítulo 3, o autor tece críticas ao que chama de capitalismo de decrescimento e é, nesse momento, que revela o objetivo para o restante do livro, e faz jus ao título da obra em inglês enquanto um manifesto. O autor apresenta uma figura com 4 possibilidade para o futuro, defendendo o modelo "x" de viver, que posteriormente revela ser o comunismo de decrescimento, em detrimento de outras três possibilidades: (1) fascismo climático; (2) barbárie; e (3) maoísmo climático.

Para sustentar sua defesa do comunismo de decrescimento, o capítulo 4 está dedicado a elucidar as ideias marxianas em relação à crise ambiental. Nessa direção, o autor sustenta que houve uma fase do desenvolvimento intelectual de Karl Marx na qual o produtivismo e o eurocentrismo estavam presentes, porém durante e após a elaboração do primeiro volume d'O Capital, Marx se aproximou da obra de químico Justus Von Leibig e agricultor Karl Fraas que o conduziu a repensar uma visão progressiva da história e, conseqüentemente, o produtivismo e eurocentrismo presente em sua obra até então. Ainda nesse capítulo Saito (2024b, p. 133) apresenta uma figura demonstrando o que ele considera os objetivos políticos de Marx. Nesse sentido, defende que há um produtivismo nas décadas de 1840-50, perspectivando crescimento sem sustentabilidade. Enquanto muda de objetivo para o ecossocialismo na década de 1860 marcado pela publicação do primeiro volume do capital conciliando crescimento com sustentabilidade. Seria somente no final da vida de Marx nas décadas de 1870-80 que o mesmo passa a pautar o comunismo de decrescimento visando a sustentabilidade sem crescimento.

Compreendemos que o Sr. Saito possui uma leitura aprofundada das obras completas de Karl Marx, sendo um dos membros do grupo de estudos do MEGA, como mencionado anteriormente. Todavia, encontramos dificuldade de aceitar acriticamente suas conclusões sem considerar como um exagero de sua parte. Há toda legitimidade do Saito defender suas próprias visões do comunismo de decrescimento e a análise da realidade concreta que fundamenta seus argumentos, entretanto nos parece que há uma espécie de transposição de suas próprias ideias para as ideias de Marx. Nesse sentido, sem descartar as proposições de Saito (2024b) com a finalidade teórica de superação do capitalismo, nos soa como uma espécie de anacronismo afirmar que os objetivos políticos de Marx poderiam ser o comunismo de decrescimento ou até mesmo o ecossocialismo. De todo modo, é nítido as preocupações na obra de Marx pelos limites ecológicos do sistema terrestre e o estudo das comunas enquanto alternativa à sociabilidade do capital.

Na sequência da obra, após apresentar sua interpretação do pensamento marxiano, Saito (2024b) retoma novamente o papel da crítica de algumas tendências da atualidade. No capítulo 5 o autor se atenta ao aceleracionismo e, mais especificamente, ao aceleracionismo de esquerda. O principal alvo da crítica nesse momento é a obra de Aaron Bastiani (2023): *O comunismo de luxo totalmente automatizado*. O cerne da crítica reside no determinismo tecnológico que Saito (2024b) identifica no pensamento de Bastiani (2023), apontando para a falta da incorporação da crítica ecológica face ao colapso ambiental. Em uma palavra, o aceleracionismo de esquerda é pautado numa ideia infinita de crescimento que Saito (2024b) criticava anteriormente em seu livro.

Articulado com a crítica apresentada no capítulo 5, no capítulo subsequente Saito (2024b) trata da escassez produzida pelo capitalismo. Diante desse cenário, o filósofo reivindica o comunismo como uma sociedade pautada na abundância. É essa ideia central que prepara o terreno para o capítulo 7 que trata dos cinco pilares do comunismo de decrescimento.

O objetivo do autor em apresentar os pilares do comunismo de decrescimento é de conseguir situar o decrescimento em termos concretos e o papel dessa transição na resolução da crise climática. Em síntese, os cinco pilares do comunismo de decrescimento se relacionam com a finalidade, duração, conteúdo e organização do

trabalho, sendo as seguintes: (1) economia baseada no valor-de-uso; (2) diminuição da jornada de trabalho; (3) abolição da divisão uniforme do trabalho; (4) democratização do processo de produção; e (5) priorizar o trabalho essencial. Novamente, o autor reivindica que as ideias que ele está apresentando podem ser encontradas no pensamento de Marx, mas dessa vez vai além ao situar sua obra como “[...] uma atualização d’O Capital para o antropoceno” (Saito, 2024b, p. 201).

Enquanto no capítulo 7 Saito (2024b) busca trazer sua proposição em termos concretos, no capítulo 8 há uma busca de elencar exemplos que ilustram o êxito de tal proposição. Ao tratar do que o autor chama de “sementes de mudança”, as reflexões giram bastante em torno do exemplo de Barcelona e a gestão da cidade, mas também avançam para apontar limites que Saito vê na esquerda que pauta a saída da crise pela via do crescimento. O autor aponta que não há uma saída da crise neoliberal sem levar em consideração a dinâmica antiecológica do sistema capitalista e nesse sentido pauta a combinação de elementos do âmbito econômico, político e ambiental. Para Saito (2024b, p. 240), é necessário juntar a superação do capitalismo, a reforma da democracia e a descarbonização da sociedade.

Por fim, na breve conclusão da obra, há um verdadeiro chamado para a mobilização, reforçando mais uma vez o sentido de manifesto que aparece no título da obra em sua versão em inglês. Nessa direção, Saito (2024b) aponta as dificuldades de unidade dos 99% contra o 1% daqueles que detêm os meios de produção e que são os principais responsáveis pela manutenção da ordem do capital e, logo, da crise climática. Diante de tal cenário, o autor chama atenção para diversos movimentos que aconteceram ao longo das últimas décadas e aponta para a porcentagem de 3,5%, baseado nas pesquisas de Erica Chenoweth e Maria J. Stephan (2012), que seria a porcentagem da população necessária para promover uma mudança efetiva na sociedade.

Diante da apresentação da obra em seu conjunto, reforçamos que – independentemente de concordar com a análise e a estratégia proposta por Saito (2024b) – há uma riqueza e ousadia nas propostas que o mesmo apresenta. A grave crise societária que enfrentamos tem inflexão sobre o Serviço Social e conduz a necessidade de reflexão sobre os caminhos do projeto ético-político profissional e da luta anticapitalista. A obra de Saito (2024b), em tom de manifesto, combate o

irracionalismo de nossos tempos e, simultaneamente, capta a urgência de incorporar a crítica ecológica como uma dimensão indispensável para a superação da lógica do capital.

REFERÊNCIAS

AMOS, Jonathan. Anthropocene unit of geological time is rejected. *BBC*, 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/science-environment-68632086>>. Acesso em: 22 de out., de 2024.

BASTIANI, Aaron. *O comunismo de luxo totalmente automatizado*. São Paulo: Autonomia literária, 2023.

BRAND, Ulrich; WISSEN Markus. *Modo de vida imperial: sobre a exploração de seres humanos e da natureza no capitalismo global*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

CHENOWETH, Erica; STEPHAN, Maria J.. *Why Civil Resistance Works: The Strategic Logic of Nonviolent Conflict*. New York: Columbia University Press, 2012.

SAITO, Kohei. *O capital no antropoceno*. São Paulo: Boitempo, 2024a.

----- *O ecossocialismo em Karl Marx: Capitalismo, Natureza e a Crítica Inacabada à Economia Política*. São Paulo: Boitempo, 2021.

----- *Slow down: The degrowth manifesto*. New York: Astra House, 2024b.